

ENUNCIÇÃO: O TEMPO E A CRIAÇÃO DE SENTIDOS

*Cristiano Oldoni**
*Ernani Cesar De Freitas***

RESUMO: Dar conta da natureza articulada da linguagem implica a observação da materialidade linguística a partir da noção de *nível*, tanto em relação aos fenômenos estudados quanto em relação aos procedimentos metodológicos empregados para uma abordagem coerente. Assim, traços distintivos, fonemas, signos e frases representam os níveis básicos da descrição linguística. Este artigo propõe uma análise no nível da frase, uma vez que é nessa escala que surge efetivamente o universo da comunicação, cuja expressão é o discurso. Considerando tal panorama, esse estudo objetiva reconhecer o procedimento de emprego da língua com enfoque enunciativo, a partir da sistematização da categoria de tempo. Essa análise apresenta pesquisa qualitativa com abordagem bibliográfica na análise de corpus vinculado a texto do gênero crônica, apontando para a efetiva contribuição dos marcadores de tempo na produção de sentido de um discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Categoria de tempo; Discurso; Enunciação.

1. Introdução

A capacidade de articulação é o principal fator de diferenciação entre a linguagem humana e a “linguagem animal”. Sendo composta de partes, a linguagem permite ser ana-

* Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF).

** Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pós-doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP/LAEL). Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF).

lisada a partir de seus elementos constitutivos e, realizando a descrição de manifestações de línguas naturais a partir das partes, abordamos os níveis de análise linguística.

Figuram como unidades de nível inferior os fonemas, que adquirem valor somente quando combinados entre si para formar elementos do nível imediatamente superior, os morfemas. Tratando do nível dos morfemas, saímos do plano de expressão para entrarmos no plano do conteúdo, onde cada elemento passa a consolidar-se por meio de seu significado, além do valor individual. Já como nível superior (ou máximo) da articulação linguística temos a frase, que apenas em sua totalidade consolida de forma plena o significado das partes constituintes na geração de sentido. A frase não é simples soma de significados dos seus elementos menores, mas resultado de um processo combinatório, de um percurso de sintagmatização que ocorre da passagem de um nível a outro, comportando seleções paradigmáticas e sistemas variados de associação de elementos.

Nesse panorama, conforme dissociamos os elementos de um nível em partes, chegando a níveis inferiores, encontramos sua forma. Integrando elementos do mesmo nível para construir outro superior, apreendemos seu sentido. Seria possível, além dos níveis fonológico, morfológico e frasal, considerarmos uma instância transfrástica ou textual, mas sua percepção não afetaria a sistemática de descrição de níveis que brevemente apresentamos.

A análise do nível linguístico da frase a partir das seleções paradigmáticas e sistemas combinatórios individuais nos permite acrescentarmos à análise desse nível o componente da subjetividade: há um sujeito envolvido no processo de tomada da virtualidade da língua para convertê-la em materialidade, em uso, em “dizer”. Comportando as marcas de um sujeito, a língua comporta, então, a enunciação. Assim, considerando que o fazer comunicativo e a interação entre sujeitos se dá somente por meio de enunciados, de ditos, a enunciação torna-se o próprio ato de dizer. É essa a característica principal de diferenciação entre frase e enunciado: enquanto a frase é unidade da língua, o enunciado é unidade do discurso.

O fenômeno da discursivização (da enunciação) acontece com a mobilização e marcação das categorias de pessoa, espaço e tempo, que se materializam exclusivamente em função do universo enunciativo. Neste estudo, propomos como objetivo reconhecer o procedimento de emprego da língua com enfoque enunciativo, a partir da sistematização da categoria enunciativa de tempo para identificar sua contribuição na produção de sentido de um discurso. Para tanto, configuramos este artigo em três seções: na primeira buscamos na história da linguística as contribuições de diferentes estudiosos para a consolidação do campo da enunciação; na segunda, especificamos o funcionamento do ato de dizer, retomando os aspectos da subjetividade e da marcação das categorias de pessoa, espaço e, especialmente, de tempo; já na terceira seção do artigo, especificamos a metodologia empregada, uma vez que na quarta seção dedicamo-nos à elucidação dos efeitos das marcas enunciativas de tempo em análise de *corpus* relacionado ao gênero crônica e sua relevância para a geração de sentido.

2. Na história da linguística, as contribuições para as teorias da enunciação

Apesar do curto espaço de tempo de desenvolvimento de uma ciência que toma como objeto a própria língua, não são breves os conhecimentos produzidos e tampouco pequenos os avanços conseguidos com a Linguística. Desde Saussure, percebemos paulatinas mudanças em relação ao objeto da ciência em questão e ao seu campo analítico de abrangência.

Logo no início do século XX, Ferdinand de Saussure imprime novos rumos ao estudo da Linguística, afastando-se das tradicionais análises das linguísticas históricas para dedicar-se a um estudo mais sincrônico, observando como os elementos da linguagem se relacionavam entre si, no presente, dando foco não ao uso da linguagem e da língua, mas ao sistema subjacente da linguagem, do qual qualquer expressão particular era manifestação. Estava aí definida uma de suas principais dicotomias: *langue/parole*. Fundou, de certa forma, uma teoria geral de semiologia (os signos linguísticos norteavam os estudos). A virtualidade da língua tomava forma científica para Saussure (1995), que não ignorava o

uso individual desse sistema. A partir de então, a língua já não era mais uma forma de nomear o mundo. Essa concepção de língua enquanto sistema virtual composto de signos indica um novo caminho que viria a ser percorrido pela ciência da língua e representa, ainda hoje, um conceito válido para a linguística. Saussure deu à Linguística um objeto claro de estudo, determinando especificamente *langue* e *parole*. A definição dos eixos paradigmático e sintagmático na utilização da língua representa outro aspecto interessante da teoria saussuriana.

Entretanto, estes valiosos conceitos e definições de Saussure, mostraram-se inacabados, com o avanço da ciência. Seus seguidores e sucessores, obviamente, poliram e expandiram sua teoria. Vários destes estudiosos vêm apontando, historicamente, para uma linguística que dê conta da presentificação do sujeito no processo, uma forma enunciativa de perceber a língua. Flores e Teixeira (2005) propõem, por meio de um resgate histórico, um rol de estudiosos da língua que reservaram espaço para a percepção e análise das marcas deixadas pelo sujeito na utilização da língua e nos atos de dizer, de enunciar. Segundo os autores, “as marcas da enunciação no enunciado têm a especificidade de remeter à instância em que tais enunciados são produzidos, fazendo irromper o sujeito da enunciação”. (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 12).

Um dos participantes desse rol é Charles Bally que, através dos estudos dedicados à Estilística, inicia o desenvolvimento de uma linguística da fala. Vendo, na oração, *dictum* e *modus*, duas partes distintas, reconhece a presença de um sujeito envolvido no processo linguístico: a língua é base para o discurso (virtualidade da língua *versus* realização da fala). É um prenúncio e apontamento do que, contemporaneamente, é tido como uma Linguística da Enunciação. Já Roman Jakobson distancia-se de Saussure ao rechaçar as ideias exploradas quanto à sincronia *versus* diacronia. O autor prefere um conceito de sincronia dinâmica, deixando de ver a língua de forma estática. Ao tratar das funções da linguagem e dos *shifters*, está também tratando de enunciação. “A teoria das funções da linguagem supõe um sujeito. Quem é esse sujeito capaz de falar e de ter diferentes atitudes em relação a diversos aspectos da mensagem?”. (FLORES; TEIXEIRA, 2005). É importante

ressaltar, para os estudos de Jakobson, a classificação peirceana dos signos, que se dividem, didaticamente, em símbolo, índice e ícone. Segundo autores inventariantes desse rol, “[...] a convencionalidade da regra diz respeito ao código; a relação existencial com o objeto diz respeito à mensagem. Os *shifters* combinam as duas funções: são símbolos-índices”. (2005, p. 25). Ora, quando, no processo comunicativo, os *shifters* passam a envolver também os protagonistas do processo (sujeitos), não remetem apenas à mensagem, mas também à enunciação. Os *shifters*, embreadores, representam uma forma de concretizar a conversão da língua em fala.

A filosofia da linguagem, no quadro do dialogismo, proposta por Mikhail Bakhtin é também explicitada através de um estudo da enunciação. Sua proposta é ver a língua imersa na realidade enunciativa concreta, servindo aos propósitos comunicacionais do locutor. Para este autor, não é possível separar língua e ideologia. Sua teoria semântica repousa sobre a tensão permanente entre o tema e a significação. Quando Bakhtin aborda a compreensão, está contemplando a questão da subjetividade, pois não aceita uma compreensão passiva: argumenta que qualquer tipo de compreensão deve conter o “germe de uma resposta”. Introduce, assim, a noção de responsividade do sujeito. A grande contribuição de Bakhtin para a história das teorias da enunciação foi a de que anunciou uma linguística em que se mesclam abstrato, concreto e subjetividade, por meio do dialogismo nos processos comunicativos.

Assim como Bakhtin, Oswald Ducrot também trabalha com a ideia de *polifonia* nos processos linguísticos. A diferença nas abordagens dos dois linguistas reside em que Bakhtin utilizou o termo no campo da música, qualificando o projeto estético de Dostoi-evski: o autor se coloca com os personagens em relação de igualdade. Já na abordagem de Ducrot, não há relação de polifonia com estética: ele cria uma ponte deste termo com a realização da língua através de enunciados, coloca enunciadores em cena. Além da especificidade da língua como um processo de interação de enunciadores, Ducrot chama a atenção ao considerar a evocação de princípios argumentativos (*topos*) como norteadores da interpretação do interlocutor de um dado enunciado em determinada situação. Fica

clara a preocupação do autor em determinar, em seus estudos, um espaço para o sujeito e suas relações intersubjetivas.

Aprofundando conceitos de linguística e de psicanálise para tecer um sujeito de respeitável espessura, Jacqueline Authier-Revuz corrobora também para a construção da enunciação como teoria linguística e consta do rol de Flores e Teixeira (2005). Seus trabalhos dedicam-se a uma espécie de configuração enunciativa da reflexividade metaenunciativa. Passar da consideração da língua à consideração do discurso é, para a autora, abandonar um domínio homogêneo, em que a descrição é da ordem do “um”, por um campo duplamente marcado pelo “não-um”, em razão da heterogeneidade teórica que o atravessa. São interessantes à enunciação os conceitos desenvolvidos em sua obra, como as formas reflexivas e opacificantes de autonomia.

Dentre outros, Bally, Jakobson, Bakhtin, Ducrot e Authier-Revuz contribuíram largamente, através de seus estudos, para a configuração de teorias que tomam como norte a enunciação. Contudo, ainda mais específicas e pontuais foram as análises elaboradas por Émile Benveniste: para o autor, a Linguística comporta a Enunciação, são elas indissolúveis.

3. Benveniste: linguística e enunciação – uma relação de interdependência

Se vários linguistas, através de seus estudos, traçaram implicitamente as relações existentes entre linguística e enunciação, percebendo e admitindo as interferências do sujeito no manuseio da língua e produção de discurso, foi Benveniste quem atribuiu a este processo o caráter de objeto de estudo, salientando que é na subjetividade e através dela que se constroem, historicamente, enunciados, discursos. Benveniste inovou, propondo o homem na língua, supondo um sujeito articulado com a estrutura, incorporando, entretanto, conceitos da linguística estruturalista tradicional, como “estrutura”, “relação” e “signo”. Mesmo aceitando a língua como um sistema de relações internas do qual se devem apreender as leis da organização, percebeu que, para sistematizar tais regularidades, deve-se abstrair as referências a elementos externos ao método aplicado. Dos eixos temá-

ticos da obra de Benveniste, chegamos a conceitos que são de extrema relevância. Os estudos do “linguista da enunciação” versam, dentre outros tópicos, sobre a (inter)subjetividade na linguagem e, a partir dela, o aparelho formal da enunciação.

2.1 (Inter)Subjetividade na linguagem

Em relação a este primeiro eixo temático da obra de Benveniste, o caráter subjetivo da linguagem, vale ressaltarmos que opõe dois níveis de significação: o *semiótico* e o *semântico*. O primeiro está relacionado aos signos, distintos, relacionáveis com os demais, com valores opositivos e genéricos, passíveis de organização paradigmática. Estão em nível intralinguístico: não se relacionam com as coisas denotadas e a língua não se relaciona diretamente com o mundo. Já o segundo nível de significação é resultado da colocação da língua em ação pelo falante. O critério de diferenciação entre os dois é o da comunicação. Através do nível semântico da significação é possível perceber a inserção dos interlocutores, que fazem referências e co-referências na atribuição de sentido às palavras.

Estudar a intersubjetividade em Benveniste pressupõe, basicamente, conhecer a distinção que ele faz entre as duas primeiras pessoas (eu e tu) da terceira (ele) considerando as correlações de personalidade e subjetividade. A personalidade separa o “eu/tu” (em que existe uma concomitância entre a pessoa e o discurso sobre ela) do “ele” (que não possui a característica da personalidade; forma verbal para não-pessoa). A correlação da subjetividade coloca em pontos opostos o “eu” e o “tu”, em que “eu” é interior à produção e ao próprio enunciado, exterior e transcende a “tu”. Uma vez que, na produção de enunciados, quando o “tu” toma a palavra, converte-se em “eu”, é este a única pessoa verdadeiramente subjetiva do discurso. “Tu”, então, é uma espécie de pessoa não subjetiva, em interface com a pessoa verdadeiramente subjetiva que o “eu” representa.

A categoria de pessoa caracteriza-se também pela inversibilidade, que garante a intersubjetividade na enunciação, uma vez que a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito “eu” em seu discurso. A intersubjetividade está pra a linguagem assim como a subjetividade está para a língua. A linguagem é condição da língua

e a intersubjetividade é condição de existência da subjetividade. Para que o sujeito configure-se como tal na linguagem, precisa, obrigatoriamente, encontrar-se constituído pelo outro.

2.2 A sistematização do aparelho formal da enunciação

Os estudos de Émile Benveniste representam notável contribuição para a análise da língua com enfoque enunciativo, marcando importantes especificações do modo de dizer. O texto “Aparelho Formal da Enunciação”, datado de 1970, trata de certa oposição entre uma linguística das formas e uma linguística da enunciação. *A priori*, entende-se como emprego das formas, as próprias regras normatizadoras das construções sintáticas onde as formas normalmente podem ou devem ocorrer. Em uma linguística das formas, trabalha-se com escolhas limitadas (tanto paradigmáticas, quanto sintagmáticas), obtendo-se assim “um inventário que poderia ser, teoricamente, exaustivo, dos empregos das formas, e em consequência uma imagem pelo menos aproximada da língua em emprego”. (BENVENISTE, 2006, p. 81)

Entretanto, é possível considerar, como Benveniste bem o faz, uma distinção entre as condições de emprego de tais formas e as condições de emprego da língua. A organização interna (possível) do sistema não se dá nas mesmas condições que a prática da língua, que invoca novo entendimento de descrever e interpretar as mesmas coisas. Nessa perspectiva, Benveniste (2006, p. 82) propõe a enunciação como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, um processo absolutamente constante que afeta e atualiza a língua como um todo a cada ocorrência de produção de discurso. É importante destacarmos que a enunciação remete diretamente ao ato de produção discursiva de enunciados e não propriamente ao texto produzido por meio de tal mobilização da língua pelo locutor: tanto tomada como fato do locutor quanto marcas linguísticas da relação desse locutor com a língua, a enunciação pressupõe a presença de um sujeito em situação de produção de discurso.

O processo de enunciação, embora possa ser analisado a partir de sua realização vocal e como semantização da língua, para o estudo ora proposto, será tomado em seu quadro formal de realização, chamado por Benveniste de Aparelho Formal da Enunciação, correspondendo às características formais que partem da atualização individual da língua.

Sucessivamente, é possível abordar os seguintes aspectos da enunciação: a) “ato”, que introduz o locutor (parâmetro, condição necessária) apropriando-se da língua e convertendo em algo real o que antes era apenas possibilidade (depois da enunciação, a língua efetua-se na instância do discurso); b) “situação de realização”, representando a enunciação como apropriação do aparelho formal, onde o indivíduo enuncia sua posição de locutor, implantando o outro (alocutário) diante de si; c) “instrumentos de realização”, sendo possibilidades de referir pelo discurso, constituem a enunciação para expressar determinada relação com o mundo, em que a instância do discurso tem um centro de referência interno. São essas as condições que organizam e possibilitam a referenciação no processo enunciativo. Em resumo,

O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença de locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso tenha um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com a enunciação. (BENVENISTE, 2006, p. 84.)

Apropriando-se da virtualidade da língua, o sujeito inscreve-se em sua fala mediado pelo próprio ato de dizer. Esse processo deixa vestígios, marcas na enunciação, compondo um quadro formal. Esse fenômeno implica o reconhecimento e apreensão do funcionamento de índices de pessoa, índices de ostensão e formas temporais. São esses índices e formas que permitem ao locutor enunciar sua posição e produzir seu discurso.

2.2.1 As categorias linguísticas da enunciação

Os “índices de pessoa” manifestam-se na relação “eu/tu”, produzida exclusivamente na enunciação, consolidando as posições de locutor e alocutário. Os “índices de ostensão” (exposição, amostra) representam um gesto indicativo do objeto. Nessa perspectiva, pronomes pessoais e demonstrativos, por exemplo, se apresentam como “índivíduos linguísticos”, remetendo sempre a “índivíduos”, quer se trate de pessoas, lugares, momentos. Tais termos são assim nomeados por nascerem na enunciação, são produzidos por acontecimentos individuais. Esses índices têm relação direta com o “lugar” em que se desenrola a cena enunciativa de produção de discurso. Já as “formas temporais” são determinadas em relação ao centro da enunciação, representada pelo tempo “presente”, que coincide com o momento da enunciação.

A categoria enunciativa das formas temporais faz referência, então, ao tempo da/na enunciação, justamente porque a ideia de temporalidade instaura-se na e pela enunciação.

Poder-se-ia supor que a temporalidade é um quadro inato do pensamento. Ela é produzida, na verdade, na e pela enunciação. Da enunciação procede a instauração do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo. (BENVENISTE, 2006, p. 85.)

O presente da ocorrência enunciativa renova-se a cada produção de discurso, auxiliando e promovendo de forma pontual a construção da situação enunciativa e configurando de maneira eficaz a presença do locutor em seu próprio discurso. É um sentimento de continuidade impresso na consciência humana pelo presente, inerente à enunciação.

Considerando os índices e as formas expostas, é plausível constatarmos que por meio da enunciação (e somente nela) alguns signos passam a existir, diferentemente de outras entidades que têm na própria língua um estatuto pleno. É o caso dos dêiticos, que emanam do próprio processo enunciativo, nele se constroem e corroboram para a mate-

rialização do discurso. Tanto os índices quanto as formas e as possibilidades de influência das ocorrências enunciativas enquanto processo de tomada da virtualidade da língua enfatizam a característica principal da enunciação, a ênfase na relação discursiva com o parceiro. Sendo forma de discurso,

a enunciação coloca duas ‘figuras’ igualmente necessárias, uma origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do diálogo. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação. Esse quadro é dado necessariamente com a definição de enunciação. (BEVENISTE, 2006, p. 87, grifo do autor).

Então, retomando o exposto, temos a configuração do aparelho formal da enunciação a partir da consideração do ato individual de utilização e as situações e instrumentos de realização, além da observação das implicações de índices de pessoa, ostensão e tempo, que constroem efetivamente a relação entre locutor e alocutário. O aparelho formal da enunciação é o instrumento que possibilita a realização e atualização da língua. Isso é discursivizar: dispor as “pessoas” da fala no “tempo” da fala e no “espaço” da fala. Temos, assim, instauradas as três categorias da enunciação.

O quadro formal da realização da língua, ao passo que engloba em seu processo tanto elementos da língua quanto da fala, as une numa só, tornando nulas as barreiras historicamente levantadas entre ambas e possibilita, assim, a concretude do discurso. Ao percebermos as categorias linguísticas empregadas, está constituído o aparelho formal da enunciação. É impossível perceber um ato enunciativo desprovido de alguma destas categorias. Todo e qualquer enunciado, enquanto ocorrência histórica, é único, não pode ser repetido. Entretanto, o uso dos mecanismos que permitem a produção de enunciados é o mesmo a qualquer tempo e em todas as línguas. A partir disso, a enunciação pode ser tomada como objeto de estudo da ciência linguística.

Já tecidas algumas considerações a respeito das categorias enunciativas de forma mais ampla, dedicamo-nos agora a especificá-las dando ênfase particular à categoria de tempo, objeto particular desse estudo. Nesse campo da prática linguística, são relevantes as contribuições dadas por Fiorin (1996, 2002, 2004) na abordagem das ocorrências das

categorias enunciativas propostas por Benveniste, introduzindo, inclusive, especificações e aprofundamentos conceituais.

Sobre a categoria de pessoa, Fiorin (1996) esclarece que sua discursivização se dá por meio de *debreagens* e *embreagens*. Primeiramente, entende-se por *debreagem* a projeção de uma categoria de enunciação no enunciado. Ao tratarmos da categoria de pessoa, nomeamos *debreagem actancial*. Uma vez que o processo de enunciação se dá entre “eu/tu”, temos uma *debreagem actancial enunciativa*, envolvendo subjetividade. Na alusão a uma terceira pessoa (ele), temos uma *debreagem actancial enunciva*, envolvendo suposta objetividade. Já a *embreagem* trata da neutralização das pessoas, gerando a possibilidade de usar uma pessoa em lugar de outra. Toda *embreagem* implica numa *debreagem* anterior e também pode criar efeitos de subjetividade e objetividade.

As categorias de pessoa e tempo, na maioria dos enunciados, podem ser identificadas por meio do verbo: ele as comporta. Já a categoria de espaço, algumas vezes, simplesmente não aparece no enunciado, ficando implícita; contudo, o “aqui” da enunciação existe em qualquer produção discursiva, mesmo não aparecendo explicitamente. De acordo com Fiorin, “o espaço linguístico ordena-se a partir do *hic*, ou seja, do lugar do *ego*. Todos os objetos são assim localizados, sem que tenha importância seu lugar físico no mundo, pois aquele que os situa se coloca como centro e ponto de referência da localização” (2004, p. 174, grifos do autor). O espaço da enunciação é marcado por pronomes demonstrativos, advérbios de lugar e adjuntos adverbiais de lugar. Em relação aos pronomes demonstrativos temos “este” e “esse” relacionados à primeira e à segunda pessoas, demarcando enfaticamente o espaço da enunciação, e “aquele”, relacionado à terceira pessoa, referindo-se ao espaço que está fora da situação demarcada enfaticamente pela enunciação. Temos também, marcando o espaço onde se desenrola a cena enunciativa, os advérbios de lugar, que funcionam em sistema triádico, diferentemente dos pronomes demonstrativos. Para os advérbios constrói-se a seguinte relação: “aqui” – primeira pessoa (eu), “ai” – segunda pessoa (tu) e “ali/lá” – terceira pessoa (ele, não-pessoa).

Assim como ocorre com a categoria de pessoa, o espaço é discursivizado através de debreagens e embreagens, enunciativas ou enuncivas. Na debreagem espacial enunciativa, a marcação do espaço fica relacionada explicitamente ao “aqui” e na debreagem enunciva, o espaço não é marcado em função do “aqui”. A embreagem espacial ocorre quando é feita a anulação de espaço demarcado e se dá o uso de um marcador por outro, podendo causar a presentificação (quando empregamos, por exemplo, “este” por “aquele”) ou a absenteização (quando usamos, eventualmente, “lá” por “aí”).

Com relação à categoria enunciativa de tempo, é possível considerarmos que ela localiza acontecimentos em relação ao momento de enunciação (doravante, ME). É esta a categoria que elegemos para uma análise mais específica, nesta abordagem. É necessário que visualizemos, primeiramente, três tipos de tempo para esta análise: físico (duração entre o início e o fim de um momento), cronológico (tem como referência um fato marcante, como o nascimento de Cristo) e linguístico (não possui relação com os tempos físico e cronológico, sendo criado no ato de dizer, estabelecendo o “agora” da enunciação).

Fiorin (1996) confecciona uma bela esquematização para o entendimento das relações entre os tempos verbais, como marcadores sistemáticos do tempo enunciativo. A partir do ME, pode-se criar, por meio da produção e do conteúdo do enunciado, uma relação de concomitância (em que temos o presente) ou não-concomitância (passado ou futuro, dependendo se há referência com a anterioridade ou a posterioridade do ME). Os Momentos de Referência (MR) são marcos em relação aos quais os acontecimentos se passam. Existem para marcar acontecimentos em relação ao “agora” da enunciação. Para qualquer momento de referência, o enunciado pode criar situações de concomitância ou não-concomitância. Quando temos um MR presente e concomitante, cria-se o tempo verbal presente e se o tivermos não-concomitante, criamos o pretérito perfeito, numa relação de anterioridade ou o futuro do presente, numa relação de posterioridade. São esses os tempos verbais relacionados diretamente ao “agora” da enunciação, em que o “eu” sempre enuncia.

A temporalidade linguística não imita a realidade física. O modo verbal indicativo, em relação ao qual foram tecidas as breves considerações acima, é marcador de tempo por excelência. O subjuntivo é dependente do indicativo, pois seus tempos dependem do verbo do fato expresso (oração principal) que deve estar no indicativo. O que se percebe é um verdadeiro acordo entre os modos do tempo.

Além dos verbos, os advérbios de tempos auxiliam na marcação e delimitação da categoria de tempo. São eles: “ontem”, “hoje”, “amanhã”, “próxima” etc (para o momento presente) e “na véspera”, “no dia anterior”, “no mesmo dia”, “no dia seguinte”, “seguinte” etc (para os momentos passado e futuro).

A categoria de tempo é discursivizada através de *debreagens* ou *embreagens*, assim como ocorre com as categorias de pessoa e espaço. A *debreagem* temporal enunciativa é aquela que lança mão do tempo presente do ME ou a ele está diretamente relacionada; a *debreagem* enunciativa ocorre com o uso dos tempos do pretérito e do futuro, relacionando-se a marcas temporais já instauradas no enunciado.

As *embreagens* temporais possibilitam a neutralização das oposições temporais, fazendo uso de um tempo pelo outro. Estas trocas podem ocorrer dentro de um mesmo sistema (onde é possível estabelecer trocas de qualquer forma, da maneira desejada) ou entre sistemas (concomitante de um sistema com concomitante de outro sistema e assim por diante). As *embreagens* somente ocorrem entre verbos que assumem as mesmas posições nas relações de anterioridade e posterioridade dos MRs da enunciação. No ME, as *embreagens* podem criar uma atmosfera de aproximação utilizando o presente para atribuir realidade e certeza aos fatos do futuro ou de afastamento onde o pretérito junto à expressão “agora” certifica abstração, irrealidade ao dito.

É pertinente que percebamos a verdadeira vertigem criada pelos usos e pelas trocas de pessoas, espaços e tempos da enunciação, onde nenhuma ocorrência pode ser considerada equivocada, temos simplesmente usos, afinal, são eles que permitem a enunciação de uma língua. Conforme já observado, é a categoria linguística de tempo que nos dispomos a caracterizar especificamente nesta abordagem. Para tanto, além das conside-

rações acima, trazemos também uma análise de sua configuração na crônica “A dor que dói mais”, de Martha Medeiros.

3 Metodologia

A análise da crônica “A dor que dói mais”, de Martha Medeiros, possui abordagem qualitativa e é de natureza aplicada, com caráter exploratório-descritivo, a partir de referências que abordam as áreas de conhecimento envolvidas neste estudo, como as teorias da enunciação, a subjetividade na linguagem e o aparelho formal da enunciação, principalmente com base nas contribuições de Benveniste (1991, 2006) e Fiorin (1996, 2002, 2004), que especificam as posições subjetivas de uso da língua e sistematizam a apropriação da virtualidade do código linguístico para conversão em enunciados, por meio das categorias linguísticas de pessoa, tempo e espaço.

4 O tempo na produção de sentido na crônica “a dor que dói mais”

Os investimentos enunciativos realizados para a construção da categoria de tempo da crônica “A dor que dói mais” conferem a essa materialidade linguística uma ambientação temporal própria e específica. Também merece destaque a clara marcação da subjetividade entre os parceiros do processo da enunciação. Com a finalidade de melhor organizarmos nossa análise, transcrevemos o *corpus* citado.

A DOR QUE DÓI MAIS

Trancar o dedo numa porta dói. Bater com o queixo no chão dói. Torcer o tornozelo dói. Um tapa, um soco, um pontapé, doem. Dói bater a cabeça na quina da mesa, dói morder a

05 língua, dói cólica, cárie e pedra no rim.

Saudade de um irmão que mora longe. Saudade de uma cachoeira da infância. Saudade do gosto de uma fruta que não se encontra mais. Saudade do pai que já morreu. Saudade de um amigo imaginário, que nunca existiu. Saudade de uma cidade.

10 Saudade da gente mesmo, quando se tinha mais audácia e menos cabelos brancos. Doem essas saudades todas.

Mas a saudade mais dolorida é a saudade de quem se ama. Saudade da pele, do cheiro, dos beijos. Saudade da presença, e até da ausência consentida. Você podia ficar na sala e ele

- 15 no quarto, sem se verem, mas sabiam-se lá. Você podia ir para o aeroporto e ele para o dentista, mas sabiam-se onde. Você podia ficar o dia sem vê-lo, e ele o dia sem vê-la, mas sabiam-se amanhã. Mas quando o amor se acaba, ao outro sobra uma saudade que ninguém sabe como deter.
- 20 Saudade é não saber. Não saber mais se ele continua se gripando no inverno. Não saber mais se ela continua pintando o cabelo de caju. Não saber se ele ainda usa a camisa que você deu. Não saber se ela foi na consulta com o dermatologista como prometeu. Não saber se ele tem comido frango assado,
- 25 se ela tem assistido as aulas de inglês, se ele aprendeu a entrar na Internet, se ela aprendeu a estacionar entre dois carros, se ele continua fumando Carlton, se ela continua preferindo Pepsi, se ele continua sorrindo, se ela continua dançando, se ele continua pescando, se ela continua lhe amando.
- 30 Saudade é não saber. Não saber o que fazer com os dias que ficaram compridos, não saber como encontrar tarefas que lhe cessem o pensamento, não saber como cessar as lágrimas diante de uma música, não saber como vencer a dor de um silêncio que nada preenche.
- Saudade é não querer saber. Não querer saber se ele está com outra, se ela está feliz, se ele está mais magro, se ela está mais bela. Saudade é nunca mais querer saber de quem se ama, e ainda assim, doer.

MEDEIROS, Martha. **Trem-bala**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

A propósito da construção da relação entre sujeitos na crônica, é interessante observarmos que, logo no primeiro parágrafo, fica marcada a característica de personalidade, em que enunciador e enunciatário¹ distanciam-se, a partir do ponto de vista discursivo, do conteúdo veiculado por meio do processo. Assim, “eu” e “tu” constroem uma situação de troca linguística, da qual não participa a “não-pessoa”. Embora não percebamos abundantes indícios e marcas explícitas desse “eu”, fonte enunciativa, por meio de desinências na primeira pessoa ou pronomes possessivos e demonstrativos relacionadas a ela, é na referência ao “tu” que apreendemos a posição do enunciador: já que é concreta a marca-

¹ Embora Benveniste, em sua obra, dê preferência à terminologia “locutor/alocutário” para designar as pessoas subjetivas do processo da enunciação, nesse estudo utilizamos os termos “enunciador/enunciatário”, remetendo-nos às posições enunciativas que são fonte do fenômeno.

ção do enunciatário, isso implica, necessariamente, a existência do enunciador, mesmo porque sua presença na cena é pressuposto do próprio “ato de dizer”, que não aconteceria sem uma figura que assumisse a posição de fazê-lo. De acordo com a conceituação de Fiorin (2004), a projeção da categoria de pessoa na crônica se configura como *debregem* actancial enunciativa, que envolve pontualmente a subjetividade, a participação do “eu” e do “tu”.

Como ocorrência concreta da presença do enunciador, percebemos o emprego de “Saudade da gente mesmo, quando se tinha mais audácia e menos cabelos brancos” (l. 10 e 11), em que “a gente” equivale a “nós”, uma primeira pessoa ampliada, por meio da qual o próprio enunciador se posiciona como participante ativo da cena. O enunciatário, “tu” da situação, fica marcado por meio do pronome de tratamento “você”, que aparece enfatizado no terceiro parágrafo, ocorrendo por três vezes: o enunciador faz alusão direta a esse “tu”, que de forma perceptível se coloca em interação com o próprio processo do enunciar. Marcadas, então, as posições e figuras-fonte é possível considerarmos todo o fazer discursivo da crônica como enunciativo.

Ao abordarmos especificamente o tempo em “A dor que dói mais”, percebemos que amplamente corrobora para a criação de efeito de verdade no discurso pretendido pelo enunciador. Na materialidade em questão é possível constatar a grande recorrência à *debregem* temporal enunciativa, que objetiva discursivizar tal categoria.

São projeções como “Saudade de um irmão que ‘mora’ longe. [...] Saudade do gosto de uma fruta que não se ‘encontra’ mais. [...] ‘Doem’ essas saudades todas” (l. 06 a 11), em que “mora”, “encontra” e “doem” convertem-se em indícios de materialização da língua, a partir da tomada da virtualidade e marcada a partir de um ponto subjetivo, apontando, além disso, para uma referência ao tempo linguístico, intimamente relacionado com a enunciação, existindo exclusivamente em função do universo criado por esse fenômeno.

Também a respeito da categoria de tempo na crônica em estudo, podemos observar a grande recorrência aos verbos no presente do modo indicativo. Essa marcação tem-

poral contribui para a criação de uma ambientação particular dessa concretização discursiva, onde variados fatos e situações do cotidiano são presentificadas. Ao analisarmos especificamente o primeiro parágrafo, o emprego insistente e intencional da forma verbal “dói” cria uma espécie de presente gnômico, doutrinal, direcionando o parceiro da enunciação à tentativa de criação de uma verdade universal, que se consolida mais confortavelmente a partir do emprego desse tempo/mo- do: “trancar o dedo numa porta”, “bater com o queixo no chão”, “torcer o tornozelo” etc somente podem fazer alusão à dor, conforme pretendido, se presentificados, reavivados, e isso se dá ao passo em que o leitor da crônica é direcionado ao próprio ME. Num enfoque ainda mais amplo, é possível considerarmos que a qualquer época em que a crônica for tomada para leitura aquele será o ME e as situações retratadas no primeiro parágrafo serão atuais, estarão presentes e terão validade.

Esse panorama de abertura da crônica se mantém no segundo parágrafo, ainda que alguns verbos estejam em elipse. Por exemplo, em “saudade de um irmão que mora longe” (l. 06) lemos “saudade de um irmão que mora longe [dói]”. Entretanto, ocorrem nesse parágrafo algumas exceções ao padrão estabelecido. Sempre que conveniente, para contribuir na construção de uma atmosfera verossímil, a cronista² lança mão de expressões que, diferentemente das anteriores, não são concomitantes com o ME (que nesse caso se estabelece também como de referência presente). Atentemos para a construção “Saudade do pai que já ‘morreu’ [dói]” (l. 08): essa saudade dói, concomitantemente ao ME, entretanto o deslocamento à anterioridade desse momento é necessário para que se construa o sentido esperado da sentença, justificando o uso do pretérito perfeito “morreu”. Nesse mesmo panorama e construindo a mesma relação ocorre o uso da forma verbal “existiu”, no pretérito perfeito, em “[Dói] Saudade de um amigo imaginário que nun-

² Grosso modo, utilizamos “cronista” de forma equivalente a “enunciador”, fonte subjetiva da enunciação, não aludindo necessariamente à construção do gênero textual-discursivo, uma vez que não é este o propósito de nosso estudo.

ca ‘existiu’” (l. 08 e 09, grifo nosso), em que o MR é o presente, mas se faz necessário o deslocamento à sua anterioridade.

É pertinente também examinarmos outra modalidade de deslocamento em evidência no segundo parágrafo. Ao fazer alusão à “saudade da gente mesmo, quando se ‘tinha’ mais audácia e menos cabelos brancos” (l. 10 e 11, grifo nosso), a cronista deixa evidente, por meio do emprego do pretérito imperfeito, um MR no passado e concomitante, expressando ação durativa: a época em que a audácia era rotina e os cabelos brancos não o eram desperta saudade. A mesma ação durativa (tendo um passado como MR) é expressa no terceiro parágrafo, através das construções “você ‘podia’ ficar na sala e ele no quarto, sem se verem, mas ‘sabiam’-se lá” (l. 15, grifos nossos) e “você ‘podia’ ir para o aeroporto e ele para o dentista, mas ‘sabiam’-se onde” (l. 15 e 16, grifos nossos), em que as formas verbais em destaque dão ideia de ações realizadas não de forma pontual, e sim habitual.

Já a construção “você podia ficar o dia sem vê-lo e ele o dia sem vê-la, mas sabiam-se ‘amanhã’” (l. 16, 17 e 18, grifo nosso), que também utiliza-se do recurso da ação durativa, traz um emprego bastante peculiar. O advérbio “amanhã”, por natureza um delimitador da categoria de tempo, somente adquire sentido pleno quando em uso relacionado ao MR presente. No caso especial de sua ocorrência na crônica, equivale a “no dia seguinte”, não representando o amanhã propriamente dito, uma vez que temos como referência um momento do passado. É esse um esboço de embreagem temporal, em que um dêitico é empregado no lugar de outro.

A projeção dessa categoria também acontece por meio de embreagem em outra passagem da crônica: “Não saber se ela ‘foi’ na consulta com o dermatologista como ‘prometeu’” (l. 24 e 25, grifo nosso). Nessa ocorrência temos um MR pretérito, marcado pela forma “foi”, e, a partir dele, uma relação de não-concomitância que direciona à anterioridade: a ação de “prometer” é obrigatoriamente anterior à ação de “ir”, assim, o esperado seria o uso do pretérito mais que perfeito, na forma “prometera”. Contudo, a flexão do verbo no pretérito perfeito (concomitante ao MR) resulta num efeito de sentido inte-

ressante, onde se pode conferir maior credibilidade às suposições elaboradas e percebemos um estilo de maior simplicidade, próprio do gênero crônica.

É possível ainda voltarmos nossa atenção, no quarto parágrafo, à ocorrência de uma espécie de “presente composto”, explicitado através de locução verbal, em que “tem comido” e “tem assistido” (l. 24) assumem valor durativo com ação afetando o MR presente, concomitante ao ME: “comer” e “assistir”, nesse caso, implicam ações iniciadas em algum ponto do passado, porém com permanência até o presente da enunciação. Semelhante situação pode ser percebida ao analisarmos o verbo “aprender”, flexionado no pretérito perfeito, em “Não saber [...] se ele ‘aprendeu’ a entrar na internet, se ela ‘aprendeu’ a estacionar entre dois carros” (l. 25 e 26, grifos nossos), em que o MR segue no presente, mas se faz o deslocamento à anterioridade de tal momento, em que a ação de aprender pode ou não ter acontecido. Diferentemente de “tem comido” e “tem assistido”, “aprendeu” não está vinculado diretamente com o ME, e por essa razão justifica-se a escolha do pretérito perfeito.

Efeito interessante também é conferido ao teor enunciativo da crônica por meio do verbo de ligação “continuar”: “[Saudade é não saber] se ele ‘continua’ fumando Carlton, se ela ‘continua’ preferindo Pepsi, se ele ‘continua’ sorrindo, se ela ‘continua’ dançando, se ele ‘continua’ pescando, se ela ‘continua’ lhe amando” (l. 27 a 30, grifos nossos). Esse verbo, por si só, já manifesta uma carga semântica relacionada à ininterrupção e, flexionado no presente, coincidente com o ME, expande ainda mais sua abrangência, auxiliando na produção da cena. Sua ocorrência na materialidade enunciativa com repetições intencionais agrega ao processo de dizer uma caracterização indispensável ao universo recriado através da enunciação, o da saudade de quem se ama.

Como forma de finalização da crônica, o enunciador retoma o padrão inicial, com o uso puro do presente do indicativo, que, em conjunto com o verbo de ligação “ser” (observemos as ocorrências de “é”), retomam a intenção inicial de construir uma reflexão sobre a saudade em um presente “atemporal”.

Considerando a globalidade da cena em estudo, é possível constatar que, mesmo em elipse, os verbos no tempo presente permeiam toda a estrutura da crônica, intensificando a estratégia do enunciatador de aproximar as situações expostas do ME, tendo como resultado a criação de determinada intimidade entre o enunciatário e o próprio dizer, além do conteúdo veiculado por meio do processo. As passagens que destacamos anteriormente em nossa análise e exploração representam apenas alguns indícios da ambientação temporal da crônica, entretanto oferecem subsídios sólidos para constatar a amplitude alcançada na presentificação de situações junto ao ME.

Os empregos e usos das formas verbais na crônica “A dor que dói mais” torna perceptível a preocupação em bem explorar esta categoria, que em muito corrobora para a confecção de uma ambientação coerente do momento de referência das situações, atribuindo, assim, credibilidade e teor de verdade ao discurso, afetando diretamente seu sentido global.

5. Considerações finais

As explorações e análises expostas anteriormente consolidam-se como forma de reconhecimento do procedimento de emprego da língua com enfoque enunciativo, a partir da sistematização da categoria de tempo, na identificação de sua contribuição para a produção de sentido de um discurso específico. Esse processo torna-se parte importante de uma construção geral necessária, interessante à análise do discurso com enfoque no nível do enunciado. Lançando um olhar mais atento às construções da crônica e às formas verbais empregadas, percebemos que as menções ao tempo configuram um norte às experiências da situação comunicativa e conferem aos sujeitos uma espécie de direção temporal, que pode não levar a um único sentido. Este tratamento dedicado à configuração da categoria linguística de tempo dentro do aparelho formal da enunciação confecciona uma atmosfera de total ambientação dos envolvidos no processo, onde se cria, teoricamente, certa cumplicidade entre sujeitos. Percebemos, no caso de “A dor que dói mais”, que esta cumplicidade se cria entre os sujeitos enunciatador e enunciatário (ou cro-

nista e leitor, do ponto de vista comunicativo), não somente advinda do fato de ser uma situação passível de ser vivida a qualquer tempo, mas pela forma como a leitura é conduzida conjuntamente entre ambos, a partir dos empregos temporais da crônica: a partir de um momento de referência presente, coincidente com o momento da enunciação, o leitor é convidado a voltar-se à sua própria realidade, para inferências e reflexões.

Outro ponto interessante emergente dos enunciados analisados é a utilização conjunta e paralela do presente, do pretérito perfeito 1 e do pretérito imperfeito, que permeiam todo o universo do texto. Devido ao caráter atual e efêmero da crônica o emprego do presente e do pretérito perfeito 1 tornam-se justificáveis, uma vez que se relacionam diretamente à debragem temporal enunciativa. A partir das considerações efetuadas, percebemos a versatilidade do emprego de ambas as flexões na totalidade do texto, contribuindo para uma montagem paulatina da cena, do ambiente, da temática retratada e da própria enunciação enquanto fenômeno de apropriação da língua.

Após as considerações efetuadas, fica claro que a comunhão de tempos verbais na construção desta categoria linguística avaliza ao texto a autonomia e a consistência indispensáveis a um discurso coerente. As análises realizadas tornam-se, em última instância, um modelo de aproximação da realidade. Perceber a configuração da categoria linguística de tempo no aparelho formal da enunciação significa compreender, mesmo que em parte, o processo de utilização da língua, que abandona seu posto de mera virtualidade para transformar-se em discurso, em uso. É resultado de um caminho histórico de contribuições e produção de conhecimento, em todos os níveis da análise da língua. Contudo, ao tratarmos da realidade linguística, não há uma teoria que explique a sua totalidade. Não há um certo para sempre. O que podemos afirmar, com base no que foi explorado, é que teorias evoluem e, de certa maneira, se complementam na busca do entendimento e da sistematização da linguagem e da língua, ambas, instâncias que promovem a compreensão do próprio homem.

ENUNCIATION: THE TIME AND THE CREATION OF MEANING

ABSTRACT: In order to meet the articulated nature of language it is necessary the observation of linguistic materiality from the notion of the level, both in relation to the phenomenon studied and in relation to the methodological procedures applied for a coherent approach. Thus, distinctive features, phonemes, signs and phrases represent the basic levels of linguistic description. This article proposes an analysis in the sentence level, since it is in this scale that emerges effectively the universe of speech, which expression is the speech. Considering this scenario, this study aims to recognize the use of language procedures with enunciative approach, based on time category systematization. This analysis presents a qualitative research with literature focused on the analysis of the corpus linked to the chronic genre, pointing to the effective time markers contribution in the speech produce meaning.

KEY-WORDS: Enunciation; Speech; Time category.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhaíl. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: *Problemas de linguística geral*. Campinas: Pontes, 1991. p.285-293.
- _____. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de Linguística Geral II*. São Paulo: Pontes, 2006. p. 81-90.
- FIORIN, José Luis. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. *Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.
- _____. *Introdução à Linguística: II. Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2004.
- FLORES, Valdir do Nascimento e TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Princípios para a definição da linguística da enunciação: uma introdução*. Letras de Hoje. Porto Alegre. V. 36, nº 4, dezembro de 2001.
- MEDEIROS, Martha. *Trem-bala*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

Recebido em 16/06/2015.
Aprovado em 08/09/2015.